CONHECIMENTOS UTEIS.

EXEMPLO DE PROBIDADE LITTERARIA.

O Agricultor Michaelense a quem mais de uma vez temos chamado irmão, publicou em o ultimo n.º que temos á vista um exemplo bem digno de ser seguido Quando os nossos artigos se publicam precedidos de taes preambulos é mister não confundir este facto honroso com o commodo costume de os reproduzir, ás vezes sem ao menos citar o jornal, só para verba de encher.

Eis-aqui o que o nosso bom amigo o Sr. Antonio Feliciano de Castilho se dignou escrever a tal respeito:

—

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

717 Seria para desejar que todas as auctoridades administrativas e ecclesiasticas, e mesmo que toda a imprensa illustrada e zelosa, pregoassem e recommendassem continuamente ao povo a lição e estudo dos jornaes pacificos, instructivos, industriaes, e civilisadores; seria até para cubiçar, que as Eschólas Primarias os adoptassem, para acostumarem com cêdo a pensamentos solidos, e prestadios os animos da nova geração.

E que periodico mereceria mais em cheio estas honras, que a REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE? As suas paginas elaboradas com sciencia e amor são campos, que debaixo de flores encerram minas variadissimas de conselho moral, d'erudicção, de saude, d'industria, sobre tudo agricola, em summa, riquezas para o corpo, para o ingenho, para o coração. Nós que não somos authoridade, mas que ainda assim, fallamos ao publico pela imprensa, não cançaremos de recommendar, para commum proveito, aos poderosos o amparo; ao povo, a leitura de tal papel. O ser elle (ainda mal!) tão raro, como sabemos que é entre os nossos irmãos d'este Archipelago, nos induz e persuade a tomarmos dos seus artigos alguns, que mais dizem com o nosso instituto, e que ao mesmo tempo, que podem augmentar recursos aos nossos leitores, servirão por ventura de lhes estimular o desejo de possuirem a pleno o manancial donde os colhemos. Não é por nos minguar com que enchamos as nossas acanhadas 16 paginas, que nós copiamos d'aquellas 48 mensaes algumas poucas linhas: o nosso motivo é mais nobre, todas as pessoas d'entendimento e honestidade o entenderão, e nol-o agradecerão.

—

IRRIGAÇÕES.

APERFEIÇOAMENTO DAS NORAS.

Monsieur. — La rédaction de la REVUE UNIVERSELLE DE LISBONNE, ouvrant ses colonnes, à toutes les idées, ou découvertes que peuvent être utiles à ce pays, et par ce moyen les propageant parmi les classes éclairées et laborieuses de la societé; j'ose espérer qu'elle accueillera avec sa complaisance habituelle la note que je prends la liberté de vous envoyer ci jointe.

Cette note contient quelques observations sur les norias telles quelles existent, et la description d'une de ces machines, que j'ai fait faire il y a quelques mois.

Ne prétendant pas faire une spéculation pour une chose si simple, mon but est d'être utile aux petits cultivateurs: je désire donc, que tout le monde en profite. Veuillez agréer, Monsieur

L'assurance de ma considération distinguée.

Blanchet.

—

718 A arte das irrigações foi conhecida dos primeiros povos civilisados, como tambem, varias maquinas hydraulicas para elevar as aguas do seio da terra.

Uma destas maquinas é a nora; inventada sem duvida, pelos egypcios, e introduzida muitos seculos depois, na Europa, pelos mouros, quando estes se apoderaram da Peninsula Iberica.

Esta maquina de uma simplicidade notavel constitue um dos melhores meios de elevar as aguas para as irrigações.

Porém apezar da sua utilidade, esta maquina não tem chamado a attenção dos engenheiros, e a sua construcção grosseira e disproporcionada, executada por artifices que ignoram os primeiros rudimentos da mecanica, prejudica a agricultura, empregando inutilmente uma força motriz que poderia ser applicada em outra parte.

Á vista do que existe a respeito das noras, póde-se dizer, que não se tem tirado desta maquina metade do que ella póde produsir, pois a nora póde ser movida pelo vento ou pelo vapor, como pelos animaes — as terras pantanosas podem ser dessecadas por ella e serem cultivadas etc.

O boi é o motor mais geralmente empregado para fazer trabalhar a nora; porém as observações que seguem podem, em parte, ser applicaveis ao cavallo e á mula: com tudo é preciso reflectir na velocidade do andar destes animaes.

O passo do cavallo puxando na almanjarra é de 32 polegadas por segundo, o macho tem o passo quasi igual ao do boi; não anda mais que 22 a 23 polegadas neste tempo: ou 110 a 115 pés por minuto.

A Dinamica ensina que estes animaes, para exercitar toda a sua força de tracção, devem andar n'um circulo de 20 a 22 pés de diametro:

Em Portugal, ao contrario, tem-se reduzido este espaço de um modo tão absurdo, que o pobre animal anda com todo o corpo vergado, perdendo assim uma grande parte da sua força. Um erro popular bastante geral na Europa, é crer que a força do boi existe na cabeça; dahi provém o fazel-o puxar amarrando a canga ou aos páus; ou deixando-a livre sobre o pescoço como se usa em Portugal.

Como o cavallo, o boi deve puxar com uma coleira, visto que a columna vertebral transmite aos hombros a força dos musculos das pernas de traz.

O boi na almanjarra executa um trabalho representado por um pezo de 78 arrateis elevado a 3 pés de altura por segundo: é em 8 horas de tempo 2,246,400 arrateis.

A má construcção das noras, tanto nas rodas e carretas, como na pouca velocidade do eixo horizontal, na fricção inutil dos dentes, no pezo enorme dos alcatruzes e das cordas de piassaba e no diametro exagerado das couceiras, faz que tudo isto absorva 60 por

cento da força motriz; e que o trabalho util do motor não chegue á metade do pezo acima mencionado.

Vou agora tractar de descrever, para as pessoas que não estudaram mechanica uma nora que mandei fazer, segundo as regras da arte, para um amigo meu, o Sr. Plantier, com o fim de lhes mostrar as suas vantagens.

Esta nora é daquellas chamadas mouriscas: e deve-se observar, que as mesmas regras servem para a nora real.

Os eixos vertical e horizontal são de ferro forjado redondo, torneado, nas couceiras; as chumaceiras de ferro fundido, guarnecidas de bronze:

O eixo vertical descança n'um pião de ferro fundido fixado com parafusos, ao centro de uma ponte, que atravessa o bocal do poço.

Nas extremidades da ponte, acima do bocal, duas pedras ou columnas de 3 pés do alto, recebem as extremidades de uma forte viga a qual é destinada para manter perpendicular o eixo vertical:

Algumas polegadas acima da viga, uma caixa de ferro fundido fixado pelo centro, ao eixo por meio de uma chaveta, recebe a almanjarra mantida horizontalmente por um tirante que vae parafusar-se na cabeça do eixo vertical.

O eixo horizontal está conservado nesta posição por duas cadeias de ferro, onde estão as chumaceiras: uma das cadeias é fixada sobre o bocal do poço, e fórma uma ponte; a outra é parafusada á viga.

O movimento do eixo vertical communica o movimento ao horizontal por meio de duas rodas dentadas de ferro fundido formando angulo recto; estas rodas tem 20 polegadas de diametro, 50 dentes e não pezam mais que 2 arrobas cada uma.

O eixo horizontal leva um tambor sobre o qual se enrolam os alcatruzes, os raios deste tambem estão reforçados por duas cruzes de ferro fundido, que servem a fixar o dito tambor no eixo, por meio de 2 chavetas.

Em logar de cordas de piassaba pouco flexiveis e que offerecem pouca superficie á fricção do tambor empreguei duas fitas ou tranças de fio de coco de 3 polegadas de largura.

Os alcatruzes feitos de folha de zinco, *inoxidavel*, tem uma fórma particular, que facilita a entrada e saida da agua sem encher-se de ar.

O modo de as fixar sobre as tranças, póde-se comparar á mochila nas costas do soldado.

Movida por um burro, que não empregue mais da metade da sua força, esta nora eleva, a 62 palmos de altura, 10 a 11 pipas de agua por hora; e se se collocarem os alcatruzes mais pertos, produzirá 14 a 15 pipas.

Com capacidade igual aos de barro, estes alcatruzes pezam duas terças partes menos.

A trança ou fita peza menos ainda: o ferro forjado e fundido deve sempre ter a preferencia nas maquinas: pois que as rodas dentadas de madeira, tem mais diametro, mais pezo, mais fricção, e a chuva e o sol as fazem empenar logo.

Blanchet.
Engenheiro.

DAS QUALIDADES QUE DEVE TER UMA TERRA PARA SER FERTIL.

719 Depois de se examinarem as diversas especies de terra, a sua composição, e suas propriedades, é facil indicar as condições que ellas devem ter para serem ferteis.

É preciso: —

Que sejam bem soltas para poderem ser trabalhadas e lavradas com facilidade; e para que as raizes das plantas possam crear-se sem difficuldade, e as hastes romper a terra durante o seu crescimento.

Que sejam com tudo algum tanto compactas para que as plantas se enraizem solidamente, sem ficarem expostas a serem arrancadas pelo vento.

Que sejam humidas e sufficientemente quentes para favorecer a germinação das sementes e o desenvolvimento das plantas.

Algum tanto profundas para que as raizes possam alastrar e profundar sem encontrar obstaculo.

Ligeiras e porosas para que sejam penetradas do ar e dos gazes atmosphericos.

Sufficientemente *permeaveis* á agua das chuvas, para que esta possa conduzir até ás raizes infimas os sucos nutritivos, de que ellas se alimentam, e os saes que estimulam estas alimentações; e que entretanto facilitem o secarem-se, para que o excesso de humidade não apodreça as raizes, e mate as plantas.

É preciso que não sejam de natureza tal que quando se seccarem não façam fendas e buracos que as exponham á acção do ar; ou que apertem de mais as raizes que as suffoquem.

Que se embebam facilmente da humidade atmosphérica; e conservem a que é necessaria á vegetação.

Que sejam de uma côr carregada, para absorverem durante o dia o calor dos raios solares e a conservarem durante a noite em quantidade sufficiente, para que as plantas não fiquem expostas a grandes variações de temperatura.

Que se componham de partes proximamente eguaes de argila, silice e materias calcarias, de modo que as vantagens da reunião destas terras compensem os inconvenientes de cada uma dellas em particular.

Que facilitem pelo calor e humidade a decomposição lenta dos restos dos vegetaes depois da colheita, bem como a dos estimulantes e estrumes, que se lhes lança, para que as plantas achem, no maior tempo possivel, as substancias alimentares necessarias ao seu desenvolvimento.

Em fim que descancem sobre uma camada de outra terra que facilite o escoamento das aguas, quando a superior tiver a propriedade de as reter demasiadamente.

Journal des Connaissances Utiles.

VANTAGEM DO METHODO PUBLICADO NESTE JORNAL PARA A SEMENTEIRA DAS BATATAS.

Sr. Redactor.

720 Acabo de receber do Sr. Pedro Cervantes de Carvalho Figueira, de Peniche, a communicação seguinte: —

« De tres alqueires de batatas, que semeei segundo « o processo que V. fez inserir nas columnas da Re- « vista Universal Lisbonense, colhi 72; e de tres « outros alqueires semeados conforme o nosso modo or- « dinario e usado, apenas colhi 41. Isto é para mim « uma demonstração convincente da excellencia deste

« processo sobre o que até hoje tenho seguido; por-
« que uma differença de 31 alqueires na mesma quan-
« tidade de semente, não póde ser devida ao terreno
« e á localidade, nos quaes concorriam as mesmas cir-
« cumstancias. »

Quinta do Pombal 30 de Agosto de 1848. De V. etc.

P. Plantier.

OFFERECIMENTO UTIL Á NOSSA AGRICULTURA.

Julgámos dever dar a maior publicidade ao seguinte annuncio que deparamos em o n.º 7, do mui util e acreditado jornal — *O Agricultor Michaelense.*

PROPOSTA.

721 Proponho-me entregar sem defeito notavel, sobre o caes d'esta cidade camelos, áquelles cavalheiros, que os quiserem, (se houver quem queira o numero de 24) debaixo das condições seguintes.

Que receberei por cada um 120 duros, ou o seu valor em soberanos a saber: 80 logo que participe, que tenho quem queira os 24, os quaes garantirei pelo modo que acharem conveniente; e 40 á entrega dos camelos.

Como tudo que respira está sujeito a muitos contras, é possivel que vindo o n.º de 24 falte algum ao desembarque, ou tenha defeito e como todos os Srs. encommendadores tem egual direito a recebel-os; e para não me vêr em embaraços, exijo me declarem por escripto o n.º que querem e suas qualidades para serem entregues pelas datas das encommendas, e caso que haja falta ser para os ultimos, os quaes só receberão as quantias que me houverem entregado.

Se algum cavalheiro, quiser que lhe engaje algum moiro, ou judeo, que esteja costumado, a carregar, e tratar de camelos, promptifico-me, e só exijo o pagamento da passagem.

Em qualquer dos pontos da barbaria onde tenciono tocar, ha *Bodequins* (vide *Panorama* 1.º vol. fl. 205) os quaes tambem trarei, a 18 duros, sob as condições acima descriptas.

Tambem tratarei sobre qualquer outro animal, ave, ou planta, que me encommendarem, e haja no ponto, ou pontos onde tocar.

Ainda que não haja quem queira 24 camelos, havendo quem queira alguns, e subindo do preço que estipulo, desejo saber, para tratar se me convier.

Lagoa 9 de Junho de 1848.

Jacinto Ignacio Botelho Ambar.

CIRCULAR.

Sendo presente á Sociedade Promotôra da Agricultura Michaelense, a adjunta proposta, do Sr. Jacinto Ignacio Botelho Ambar, em que pretende importar na Ilha de S. Miguel 24 camelos, e outros quaesquer animaes, aves, ou plantas que houverem de lhe encommendar; julgou a mesma Sociedade que desdiria do seu instituto, senão promovesse, quanto em si coubesse, esta importante tentativa, dando-lhe o possivel impulso: resolveo por tanto consultar todos os cavalheiros em circumstancias de poderem concorrer para este util melhoramento, unico meio possivel de levar á pratica a mencionada proposta.

Em nome pois da Sociedade, a que tenho a honra de presidir, rogo a todos os Illm.os e Exm.os Srs., a quem esta circular fôr apresentada, tenham a bondade de declarar, se pertendem ou não algum camelo, ou outro qualquer objecto dos que o proponente se offerece a importar; e bem assim quaes as condições, ou preços que lhes convem, para que da comparação d'essas declarações se possa dedusir a possibilidade ou a impossibilidade de levar a effeito a premeditada introducção dos camelos, e outros animaes.

Ponta Delgada 17 de Junho de 1848.

O Presidente da Sociedade
José Jacome Corrêa.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XLI.

722 Já estou costumado com o ocio.

Na cadêa do Porto acabei de conhecer mais esta desventura.

Passo dias inteiros com os braços cruzados sobre o peito a olhar sem vêr, a escutar sem ouvir, a pensar sem me recordar do que penso.

Alimenta-me um desejo que não comprehendo.

Escrevo mui pouco.

O padecimento é monotono. — Quem sempre escreve com lagrimas não póde agradar nem a si.

Não sei para que havia de começar estas memorias. Acabal-as-hei tão tristemente como as comecei, e talvez na ultima pagina se escreva a data, em que a sociedade mandou justiçar um innocente.

Ai! ao menos não tarda o dia em que o meu futuro fique decidido.

A carta que em Lisboa me deu o Procurador Regio, parece que vinha abençoada.

O advogado é um homem verdadeiramente caridoso.

Todos se admiram do interesse que toma pela minha defensa.

Parece que a fatalidade me persegue. Apezar desse interesse, que tanto me commove, não accredita em sua consciencia, que eu realmente esteja innocente.

Falta-me o animo para encarar esta idéa do crime, com que por toda a parte me horrorisam.

Ainda a ultima vez que veio visitar-me lhe disse: — « Antes quero que largue a causa, e

* Vem do n.º 40.

me acredite, do que a vá defender estando persuadido que sou um assassino. »

A estas palavras, que a innocencia me inspirava, só tive como resposta — « mas as provas... não vê que lhe são contrarias; porque não denuncia o criminoso já que se diz innocente? »

Virgem Santa!... as provas! ¿ mas o que são essas provas muitas vezes senão um mysterio, que é melhor não comprehender do que transformal-o na perdição do accusado?

Nunca disse a meu pae metade do que tenho exposto ao advogado, a vêr se me não julga culpado; e apezar disso bastou que eu o apertasse nos braços, dizendo-lhe, mal que se acabara de perpetrar o crime — « Abrace-me, meu pae, estou innocente. »

As minhas palavras foram, n'essa occasião, como uma pagina do Evangelho aberta ante os seus olhos.

Acreditou n'ellas como em Deus.

Em momentos tão supremos, quando o mesmo sangue gira nos corações que se aproximam, Deus falla ao pae pela bocca do filho, e ao filho pela bocca do pae.

Esta linguagem do céu não a intendem os que não foram escolhidos para amar e padecer.

E se não fôra a providencia que me segue, e que se me revela na figura e nas acções desse Egresso, a quem tanto devo, ainda até hoje a carta não estaria entregue.

É um homem celebre esse padre, que recebendo resignado das mãos da sociedade os andrajos da pobreza, só emprega todos os seus cuidados em bem-fazer.

Quando lhe fallo do modo como expulsaram os frades dos conventos só me responde: « Foi da vontade de Deus... não podia deixar de fazer-se: — o habito, que me tiraram trocaram-no por outro ainda mais pobre... fizeram-me mendigo... tudo podiam, menos quebrar os votos, que me ligavam á Egreja; esses tenho-os cumprido, e padre ou mendigo, só tenho sido o amparo dos desgraçados... o salvador dos innocentes. »

E de feito assim tem sido?

Em uma das sombrias manhãs da semana passada, ainda se não havia dissipado totalmente a nevoa que encobria parte da cidade, e chegando-me á janella dou com os olhos no bom do Padre Anselmo, assentado em uma pedra com o alforge ao lado e o seu bordão encostado á parede. Trazia o mesmo fato de briche desbotado e velho, com que sempre o vi em Lisboa, e com a gamella sobre os joelhos parecia que tinha acabado de escrever, pois que ahi vi um papel, e na mão, que parecia haver cahido como adormecida, um lapis ou penna.

As suas grandes barbas, já quasi todas embranquecidas, augmentavam a magestade do gesto, com que contemplava o céu; e o chapéo desabado não encobria as rugas, que na fronte marcavam que muitas vezes por ahi caminhára o pensamento grave e pausadamente.

Um grito de alegria que não pude suster, o advertiu de que já o tinha visto.

Ergue-se, põe os alforges ao hombro, e aproxima-se das grades da prisão.

Em poucas palavras me dessipou a admiração de o vêr alli, e disse-me: — « Paulo ha mais de 12 annos que sou mendigo, e que considero meu este paiz: — vivo em toda a parte; nem só nas cidades a esmolla cahe na mão de quem pede; quando vivo nas provincias ainda padeço menos privações do que em Lisboa e no Porto. — Nas cidades o mendigo que pedisse abrigo seria considerado como um ladrão; nas aldêas ainda o pobre é a imagem de Christo, não ha porta que se feche para lhe dar pousada, e ao passo que o rico dá a esmola como uma coisa de que faz pouca monta, o pobre beija o preço do pão que o sustentaria um dia, e carinhosamente o entrega na mão do pobre para que este lhe diga Deus lhe pague. »

Não me canço nunca de o ouvir fallar e guardo cuidadoso na memoria, quanto lhe oiço.

Nem só por minha causa veio ao Porto.

Pelo que ao presente me tem contado percebo um dos mil mysterios, que o Limoeiro encerrava.

Pensa que no Porto achará indicios da paragem dessa criança a quem salvou.

É singular a historia deste milagroso acontecimento.

Para me não esquecer hei-de escrevel-a amanhã.

Hoje já o dia vai no fim e começa a pairar por sobre o cidade esse trovão continuado, em que se transforma o ruido do Oceano, augmentado pelos ecchos e pelo silencio em que o Porto sepulta ao cabo do dia todas as suas avultadas labutações.

Este ruido é o meu enlevo em quanto o oiço.

Parece-me uma harmonia magestosa, que mui bem se casa com o nome da minha Margarida, que em segredo tantas vezes me sahe dos labios, sem ser ouvido.

Em quanto é noite julgo ouvir a voz do coração unir-se com a voz de Deus.

(*Continúa.*)

O MILAGRE.

AO MEO AMIGO J. G. C. G.

723 Eu vi teo rosto rasgado
Em sangue todo banhado
Co'a pallidez da agonia;
Vi te aberta em cada f'rida
Uma porta para a vida
Que fugir p'ra sempre q'ria.

Eu vi teo corpo vergando
Debaixo do pezo infando
Da dura foice da morte;
Vi-te a cabeça pendida
Como a flor que desprendida
Foi do tronco pelo norte.

Vi teos olhos desvairados
Sem luz, sem tino — coitados!
Fitar-se nos olhos meos,
Como a buscar o abrigo
Do coração de um amigo
Para deixar um adeus!

E o corpo todo pisado
De mil golpes macerado
Como o Christo no Calvario;
E os poros todos suando,
De negro sangue ensopando
O negro, triste sudario.

Vi-te assim... sem esperança!
Vi te assim... de atroz vingança
Roucos sons n'alma bradaram,
Vingança sobre os traidores
Sobre os vis que em seos furores
Nobre victima immolaram!

E o pulso que mal batia!..
E a vida que se extinguia
No estertor, na anciedade!,
No livro da tua sorte
Eu vi o dedo da morte
Apontando — a eternidade!

Mas um anjo de amor e de ternura
Um anjo de puresa e formosura
Os teos dias vellava;
Era um anjo da guarda que deixara
Os espaços do céo onde habitara
E só a ti guardava.

Oh! não has de morrer!.. Deus é piedoso,
Prostrou-se ante o seo throno anjo formoso
Por ti — por te salvar!
Sanctas preces com fé ao céo mandava,
Co'as lagrimas de amor que alli chorava
Regava os pés do altar.

Lindos olhos da côr do firmamento
Tão puros como o puro pensamento
Tinha-os postos na Cruz;
As mãos erguidas — soltos os cabellos
Sobre os hombros de neve — inda mais bellos
Que das estrellas a luz.

As brancas vestes que seo corpo cobrem,
Que a perfeição das fórmas mal encobrem
Rojava pelo chão;
Sobre os degráos do altar ajoelhado
N'um extase de fé todo enlevado
Resava uma oração.

Era a vida p'ra ti que a Deus pedia,
Era a vida p'ra ti que se extinguia
Como o sol no occidente;
Era o sangue, o calor, uma alma nova
Era suster um corpo junto á cova
A mão do Omnipotente!

Fervorosa oração tão sancta e pura
Voou do espaço immenso além da altura,
Voou, subio aos céos;
E a vida desceo da morte ao leito,
De novo o coração pulsou no peito
Por milagre de Deus!

Quinta da Boiça Julho de 1848. *J. M. do Casal Ribeiro*

ARCHEOLOGIA POLITICA.

Um dos nossos amigos, que possue algumas obras ineditas mui curiosas, tendo-nos convidado para vermos esses manuscriptos, que tenciona publicar, dignou-se entregar-nos a seguinte nota com referencia a um artigo publicado na REVISTA.

724 O artigo de Archeologia Politica do Sr. A. da Silva Tullio, na REVISTA de hoje, fez-me lembrar que não seria desagradavel aos seus assignantes depois de lerem as instrucções sobre as pessoas que Sua Magestade prohibe sejam admittidas a entrar nas suas audiencias publicas saberem como, e porque motivo se alterou naquelle mesmo reinado de elrei D. José a fórma guardada nas audiencias reaes.

Nos tres paragraphos seguintes vae a noticia que a tal respeito se lê em uma historia manuscripta desses tempos, cuja publicação terá logar brevemente.

§ 403. «Desde a conjuração dos Fidalgos (que principiei a referir no § 101) o Marquez de Pombal foi capacitando a Elrei, de que todos conspiravam contra a sua vida: generalidade em que foi comprehendido o Serenissimo Infante D. Pedro seu Irmão, já genro, a Real familia, e ainda a rainha sua mulher: figurando para esta persuasão indicios falsos, factos chimericos, e aproveitando-se de acções indifferentes; segurando-o ao mesmo tempo, que pela actividade e diligencia se empenhava em o preservar de todas as maquinações, vencendo com sua vigilancia e sagacidade, quantas meditações escogitasse a malevolencia.»

§ 404. «Não accreditava Elrei a conspiração da Real familia, mas não deixava de a ter por possivel, á vista de alguns factos indifferentes que a desconhecida malicia do

sugerente lhe adoptava, mas a respeito dos vasallos, quasi que a tinha provavel. Por este motivo desconfiando de todos se foi retirando dos mais fieis creados, aborrecendo a Nobreza, e acautellando-se da sua familia, que não ignorando os vãos argumentos da sua credulidade, lhe não advertiam o engano, por não augmentar o receio de quem reputava juridica prova da culpa, o que não chegava a ser leve indicio de offensa. E Elrei armando-se contra os mesmos domesticos, de que se servia sempre, estava cercado de bem experimentadas pistolas atacadas. E por fim chegou aos termos de dar audiencia ao povo mediado de uma grade como fez manifesto o seu mal fundado medo.»

§ 405. «Todos sabem a ostentação, e estado com que Elrei de Portugal costumava dar publica audiencia, ao povo, e qual prostrado a seus pés lhe expunha, em segredo o seu requerimento que lhe entregava por escripto, e beijando-lhe a mão se levantava. Não sendo naturalmente possivel, que pessoa alguma que neste acto ousasse offendel-o, podesse não só saír com vida, daquella sala em que a côrte lhe assistia, mas das mais que lhe precediam cheias de guardas: e tal foi o terror que este ministro lhe suggeriu que mandou fazer uma grade intermedia, pondo-se em grande distancia a ouvir o que a todos pela distancia de necessidade se fazia notorio: e sobre se publicar o injusto do seu receio, se fazia irrisorio um expediente que não impedia o arrojo da execução, que tentasse a temeridade.»

CARTA DO REDACTOR AO SR. PALMEIRIM.

Amigo Palmeirim.

725 Muitas são as pessoas que me teem manifestado desejos de que a sua inspirada poesia — *Camões* — fosse publicada na Revista; mas tendo cabido á *Nação* a fortuna de a publicar: os escrupulos que tenho em tudo quanto se refere á propriedade litteraria, obrigaram me a privar até hoje a Revista de tamanha honra. Depois do maravilhoso effeito que produsiu, quando a recitaram no Theatro, esse desejo cresceu a ponto que por este modo sou obrigado a pedir-lhe licença para a publicar no proximo numero da Revista.

Como a causa de haver já saído a lume foi o pedido que lhe fez o nosso amigo João de Lemos, de algumas das suas poesias para a *Nação*, rogo-lhe me conceda licença para tambem lhe escrever neste sentido.

Talvez alguem se ria, sabendo destes meus escrupulos; não me afligirei com isso, porque, procedendo deste modo, julgo cumprir um dever, que, se para muita gente não está na lei, não deixa de ser aconselhado pela probidade do jornalista.

Sou com estima

Seu amigo e obrigado.

11 de setembro de 1848. *S. J. Ribeiro de Sá.*

RESPOSTA.

Amigo.

Acabo de receber a delicada carta com que me honra, e só me resta annuir aos desejos que n'ella manifesta, se bem que tenha na maior conta os escrupulos, com que todo o escriptor illustrado se deve haver, em referencia á propriedade litteraria, que não é, como muita gente pensa, uma coisa insignificante. Approvo a idéa de que o nosso amigo João de Lemos, seja sciente do passo que vamos dar, e que elle de maneira alguma póde levar a mal. A nós, a mocidade, cumpre-nos dar os exemplos de escrupulosa observancia a tudo que se referir á materia em questão, para termos direito a fazer respeitar a nossa opinião, sobre um assumpto qualquér, que com ella possa ter immediata ligação. Agradeço a bondade com que tão honrosamente se me dirige, e peço-lhe me tenha como seu devéras

Amigo muito obrigado

Setembro, 12 de 1848. *L. A. Palmeirim.*

CAMÕES.

Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno:
Mas, tu me dá que cumpra, ó grão rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha.
Camões — Lus. canto X Estancia IX.

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor!
Quem mais do que elle dissera
D'esse féro Adamastor!
Era um astro fulgurante,
Era um poeta gigante,
Tinha mais alma que o Dante,
Cantava com mais amor!

No peito coberto d'aço
Lhe batia um coração,
Que nem os cantos do Tasso
Sonharam maior paixão!
Era cantor e soldado,
Era um vate enamorado,
Foi um poeta inspirado
Como os d'hoje já não são!

Bem nos cantos se lhe marca
O signal do seu penar;
Nascêra como Petrarcha,
Já fadado para amar!
Vêde bem o sentimento,
Com que dá sôltas ao vento
Queixas mil do seu tormento,
Tristezas do seu trovar!

A sorte fêl-o poeta
Das cinzas da pobre Ignez:
O mundo fêl-o propheta
Do destino portuguez!
Poeta da desventura
Previu a sorte futura,
Escreveu com mão segura
A prophecia que fez.

Deus que deu aos portuguezes
D'além mar as regiões,
Que nos livrou dos revezes,
Deu-nos o rei das canções:
Fomos o povo escolhido,
O nosso nome temido
Hoje só é conhecido
Pelos cantos do Camões.

Foi-se-lhe a vida em desgosto
Ao que a patria assim cantou!
Mais poeta que Ariosto,
Que bellezas nos legou!!
Pungido de acerbas dores
Pelo Tejo, seus amores,
Foi o rei dos trovadores:
Foi o cisne que expirou!

Como Ovidio desterrado
Lá na gruta de Macão,
Só teve o pranto enxugado
Pela mão do pobre Jão,
De escravo tornou-se amigo;
E no peito só comsigo,
Suportou cruel castigo,
Mas nunca se mostrou máo!

Debruçados sobre os cantos
Da nossa fama padrão,
Bem juntos verteram prantos
Sobre a nossa escravidão!
Mas Camões. . . . á vil tutella
D'essas hóstes de Castella. . . .
Não pôde chorar sobre ella,
Morrêra-lhe o coração!

Que poeta e que soldado,
Que trovador tão leal,
De todos abandonado,
Só achou um hospital!
Mas a fama portugueza,
N'este sec'lo de torpeza,
Só tem por toda a grandeza
A Camões por pedestal!

Alli vivem as victorias,
Já do povo, já do rei;
Alli vingam as memorias,
Alcançadas pela lei:
É farol da nossa fama:
Alli vive o Castro, e o Gama:
Em versos alli proclama
Triumphos da nossa grei!

A Camões por monumento
Só resta um livro, não mais. . . .
D'aquelle genio portento
Não temos outros signaes.
Mas que importa, se a memoria
Do cantor da nossa gloria
Alcançou maior victoria
Nos seus cantos collossaes!

L. A. Palmeirim.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

1 A 11 DE SETEMBRO.

Diario n.º 208.

726 Decreto regulando a disposição da Lei de meios.

—

Dito n.º 209.

Portaria nomeando uma commissão para proceder á extincção, suppressão, e organisação das collegiadas do reino.

—

Dito n.º 210.

Estado do Banco de Portugal em 31 de Agosto de 1848.

Notas do Banco de Portugal em circulação	148:450$000
Depositos — moeda metalica . . .	225:540$171
Numerario metalico em caixa . .	486:518$817
Prata além do dito numerario . .	9:825$200

—

Dito n.º 211.

Portaria ordenando que o Procurador Geral da Corôa remetta á Secretaria das justiças um mappa, nos primeiros quinze dias de cada trimestre, de todas as causas, que no fim do trimestre anterior tiverem ficado pendentes na conclusão final, designando-se a data desta, os nomes dos zeladores, os das partes, e a natureza da causa.

Auto de amortisação de Notas do Banco de Lisboa pela Junta da Credito Publico, sendo da prestação do Banco de Portugal 18:000$000 — do imposto addiccional de 10 e 6 por cento 40:665$600 — do producto da venda de Bens Nacionaes e de dividas antigas 14:886$000 réis.

Mappa da existencia e amortisação das Notas do Ban-

co de Lisboa em relação ao capital de cinco mil contos — Notas amortisadas até ao dia 3 de Agosto de 1848 801:181$200 — Ditas no dia 4 de setembro 73.551$600 — Existentes 4.125:267$200 réis.

Mappa demonstrativo da importancia do imposto addiccional de 10 e 6 por cento para a amortisação das Notas que se tem recebido desde 4 de Agosto até 4 de Setembro. Importam as sommas deste mappa em réis 10:202$883.

—

Dito n.º 212.

Portaria ordenando aos Governadores civis que fiscalisem mui escrupulosamente a remessa dos fundos que os thesoureiros dos Districtos enviem á Thesouraria Geral bem como a sua contabilidade.

—

Dito n.º 213.

Portaria estabelecendo varias providencias sobre o melhor modo de se effectuar o melhoramento dos campos de Coimbra, e esgotamento das aguas que infeccionam aquelle Districto.

Aviso pondo a concurso a empreza da navegação por vepor entre os portos de Lisboa, Algarve, Madeira, Canarias, S. Miguel e Terceira.

—

NOVO RELOGIO.

727 Em Madrid é admirado, como trabalho artistico, um relogio collocado na parochia de Santo Ildefonso.

A maquina collocada dentro de duas espheras que lhe servem de caixa sobresahe da torre por meio de fortes barras de ferro.

O relogio é construido de modo que de uma grande distancia se observam não só as horas como tambem os minutos.

—

THEATRO DE D. MARIA II.

728 O beneficio do Sr. Roza esteve muito concorrido. Findo o segundo acto do melodrama — A Estalagem da Virgem — o beneficiado veio recitar a poesia — o Camões — que hoje temos a satisfação de publicar em logar competente. Era um facto novo na nossa scena, se o considerarmos em relação aos caracteres distinctivos da declamação portugueza. Assim que o Sr. Roza appareceu foi applaudido por muito tempo, sem que houvesse ainda proferido uma palavra.

Tinham esses applausos uma significação que deve ser lembrada.

O publico applaudia não só o artista de merito, que a doença priva de mais assiduamente cultivar a arte; mas tambem a alma grata, que reconhecendo o quanto a instituição de um Monte Pio póde ser util aos artistas sem ventura, offereceu para o cofre dos soccorros do theatro a quantia, que por justa avaliação lhe tinha sido dada, como paga das investigações e acertados trabalhos, que empregou na direcção do vestuario dos personagens do *Alcaide de Faro*: — e ainda além disto os applausos tambem premiavam a feliz lembrança de provar solemnemente, que é possivel representar dramas portuguezes, escriptos em versos, sem as converter pela declamação cantada em opera lyrica, ou pelo choro continuado em lamurias impertinentes.

O canto e o choro são os dois escolhos, em que se perde a declamação. Felizmente já no Theatro Portuguez se não declama cantando; mas infelizmente ainda se não póde dizer que se não declama chorando.

As pessoas, que dirigem o Theatro, devem ter este ponto em vista.

A generalidade das nossas palavras não admitte que citemos nomes; mas os artistas que se habituaram ao choro fóra de proposito, tem ao seu lado collegas que lhes pódem ensinar o caminho, que os livre deste perigo, que tantas vezes perde muitas bellezas.

Se por exemplo o Sr. Theodorico Junior tivesse representado a chorar o papel do *Alcaide*, não haveriamos escripto como ainda hoje repetimos, que o modo como ahi se houve revela uma verdadeira vocação artistica. Chorou sim quando era mister, e por isso o publico se commoveu.

O Sr. Rosa recitando a poesia seguiu os verdadeiros preceitos, que regulam a declamação moderna.

Facilmente se observava que havia sido estudada perfeitamente. O Sr. Rosa mostrou-se não só dominado pelo pensamento de cada verso, como tambem inspirado por algumas das palavras mais notorias, em que o poeta havia tambem deixado o cunho do seu genio.

O tom grave e pavoroso, com que a palavra Adamastor lhe sahiu dos labios, foi prova de que o actor havia estudado a gigantesca creação de que o poeta fallava. Todos os nomes que a poesia contém, foram proferidos como por quem sabia a historia dos heroes, em que fallava. Em o nome Camões a inspiração fez voar sempre as sylabas pelas vastas regiões do pensamento. Sobre o nome de Petrarcha dir-se-hia que Laura havia derramado uma lagrima; o nome de Tasso parecia um suspiro de louco amor; o nome de Ignez foi como um gemido que vem do sepulchro accordar os vivos; e a gravidade austera com que disse o nome de Castro transformou-se em canóro som para fallar no Gama. Este vigor de expressão conservado nos nomes e nas palavras de mais vulto cresceu de ponto na harmonia que ligava o pensamento magestoso de toda a composição.

Foi intima a convicção com que repetio os dous versos em que o Sr. Palmeirim descreve inteira a alma de Camões:

Tinha mais alma que o Dante,
Cantava com mais amor.

Produzio um effeito novo a maneira vaga, com que o Sr. Rosa disse:

Vêde bem o sentimento,
Com que dá soltas ao vento
Queixas mil do seu tormento,
Tristezas do seu trovar!

Essa declamação indefinida, que tanto captivava os espectadores, era a transição para a magestade com que a harmonia cheia e forte do periodo, revestia aquellas sublimes palavras da oitava que se seguia:

A sorte fel-o poeta
Das cinzas da pobre Ignez:
O mundo fel-o propheta
Do destino portuguez!

Os applausos, que repetidas vezes haviam interrom-

pido o actor, chegaram a ponto que o fizeram parar no meio desta oitava. A pausa mostrou que o Sr. Rosa estava muito commovido. Parecia que o pranto suffocava todos os espectadores, e esta especie de electricidade, communicada ao publico pelo artista, era apenas o effeito da inspiração ligada com o genio.

O mesmo effeito produziram os versos:

O nosso nome temido
Hoje só é conhecido
Pelos cantos de Camões.

Seria longo referir o effeito de cada verso, mas não podemos deixar de fallar nas lagrimas que rebentaram dos olhos, quando entre soluços, vindos do coração, o Sr. Rosa disse:

Que poeta e que soldado,
Que trovador tão leal,
De todos abandonado
Só achou um hospital!

A discripção dos *Lusiadas* na oitava que principia

Alli vivem as victorias,

foi sublime. Não houve uma só pausa, que não fosse cheia por bravos geraes.

Na ultima oitava o sentimento amargo que encerram as palavras

D'aquelle genio portento
Não temos outros signaes,

passou para o tom nobre com que vingou a memoria do grande poeta repetindo:

Mas que importa se a memoria
Do cantor da nossa gloria
Alcançou maior victoria
Nos seus cantos colossaes.

As pessoas que assistiram á recitação de Camões, guardarão para sempre a sensação que não tentamos descrever, porque só pelo ouvido se comprehende. — Quando o Sr. Rosa se retirou todas as vozes chamaram pelo poeta, que no verdor dos annos colhêra as palmas de tamanho triumpho: o Sr. Rosa voltou á scena, e mui delicada e apropriadamente agradeceu ao publico em nome do auctor, que não estava presente.

Houve nessa noite um facto desagradavel, e foi a pateada que rossoou pelo Theatro quando o Sr. Theodorico entrou em scena no 3.º acto. Referia-se aos factos sabidos pelo publico ácerca da ida da Sr.ª Emilia ao Theatro. Reprovamos este procedimento, como um precedente que se não póde admittir; já não é a primeira vez, que sustentamos que o actor fóra do seu papel, é inviolavel em quanto está em scena. O contrario disto é mais do que uma injustiça.

Dezejamos que este barbaro costume da platéa de S. Carlos não passe para a do Theatro portuguez.

Seria bem desgraçado o paiz, em que se não podesse castigar um homem, senão com uma pateada. O Sr. Theodorico deve estar certo, que até os que assim procederam haviam de conhecer pela reflexão as consequencias funestas, que de similhante doutrina se podiam tirar.

Pela nossa parte reprovamos completamente esse recurso.

CAMINHOS DE FERRO.

729 O caminho de ferro de Barcelona a Mataró, em Hispanha, ha-de-se inaugurar no anniversario da rainha.

O caminho acha-se construido com todos os aperfeiçoamentos ultimamente inventados.

No caminho de ferro da capital da ilha de Cuba a Matanzas, vae-se estabelecer um telegrapho electrico.

THEATROS ESTRANGEIROS.

730 M. Danjou, antiquario francez, acaba de publicar uma opera que data do seculo XIII.

A opera foi composta em latim em 1230; e foi representada na cidade de Beauvais por alguns clerigos daquella diocese no dia de Natal do mesmo anno. Intitula-se esta opera *Daniel Ludus*. O manuscripto donde se extraíu á opera, pertenceu antes da revolução de 1789 á cathedral de Beauvais, e hoje achava-se nas mãos de um individuo de Padua.

Nisida, ou as *amazonas dos açores* é um bailete que tem agradado muito aos frequentadores do theatro da Nação em Paris.

Duprez, o celebre tenor francez, tornou a apparecer em scena, no theatro da opera em Paris, nos Huguenotes. O favor publico o acolheu enthusiasticamente.

Meyerbeer é esperado em Paris para os ensaios da sua opera o *Propheta*, de que se falla ha mais de quatro annos, sempre com elogio.

Pascariello, opera comica em tres actos, musica de M. Henri Potier, ensaia se com assiduidade, bem como *Le Muletier* de M. Hérold.

O celebre pianista Liszt vae cazar com a princeza viuva de Wittgenstein, senhora de uma grande fortuna. De Weimar onde se acha vae partir para S. Petersburgo para apressar o seu cazamento.

* * *

CRIME HORROROSO.

731 Ao amanhecer do dia de hoje 13 do corrente a prova de um crime barbaro e espantoso veio aterrar quantos tiveram conhecimento de tão estranho caso.

Ao pé das chamadas obras de Santa Engracia appareceu o tronco de um corpo de mulher com as mãos cortadas e sem pernas, e tendo os braços atados com uma fita de linha. No peito duas fieiras de punhaladas corriam paralellas; e as feridas já fechadas provavam, que houvera tempo e coragem para lhes lavar o sangue.

No principio da Travessa das Monicas perto do palacio queimado do Marquez de Loulé, se encontraram as pernas, as mãos e as linguas!! — Os indicios denotavam, que os membros haviam aido separados do corpo, cortando primeiro a carne e deslocando depois os ossos.

Até á hora em que escrevemos, ainda senão tinha encontrado a cabeça a qual poderia talvez ensinar á justiça o rasto por onde se sumio a fera ou feras, que por meio de tal crime se separaram dentre os homens.

O cadaver era de mulher. A magreza extrema do

corpo denotava falta natural de saude, ou prisão forçada e continuada privação de alimentos. As mãos delicadas mostravam, que não estavam habituadas ao trabalho.

Apezar de que o pensamento nos foge de tão horroroso attentado, não podemos deixar de meditar no mysterio terrivel, que tão atrozmente se occulta, nos restos incompletos do cadaver de uma mizera mulher, entregue por mãos amaldiçoadas ao martyrio de um supplicio tão vario.

¿Que abysmo não é o coração humano?

¿Que archivo de crimes espantosos não é uma grande cidade?

A missão da justiça é grande, ante um crime tamanho.

Aguardamos o que nos ensinar o resultado do cumprimento dos seus deveres.

LIGA PROMOTORA DOS INTERESSES MATERIAES DO PAIZ.

Pedem-nos com empenho a publicação do seguinte:

---

732 A Meza Provisoria da Liga Promotora dos Interesses Materiaes do Paiz, roga a todos os Srs. que tem recebido, e forem recebendo das Camaras Municipaes nomeação de seus Delegados e representantes nesta Associação, hajam de fazer o obsequio, de o parteciparem, e as suas moradas, com a brevidade possivel, no Pateo do Thorel n.º 12 ao Campo de Santa Anna.

COMMERCIO.

---

733 A Assembléa Nacional franceza nomeou uma Commissão, que se occupa exclusivamente da questão do trabalho: esta Commissão já discutiu uma proposta de M. Wolowiski, relativa aos trabalhos das mulheres e das creanças nas fabricas; e decidiram, que os regulamentos da administração devem determinar as fabricas, onde, por sua insalubridade, não devem ser admittidos mancebos de ambos os sexos, menores de 18 annos, marcando os trabalhos que devem executar as creanças nos dias feriados. M. Rohuer appresentou uma emenda para fixar o minimo da edade, e redusir a duração do trabalho, conforme as suas forças. Decidiu-se, que se não devia admittir creanças de menos de 7 ou 8 annos, mancebos de menos de 14, devendo a administração prover á execução deste projecto em seis mezes, assegurando a instrucção das creanças, a salubridade dos edificios e segurança do trabalho, conservando os bons costumes nos operarios.

Para que se cumpram estas ordens, estabelecer-se-hão visitas de inspecção geraes e locaes.

Outras muitas propostas se apresentaram. M. Fernando Barrot appresentou uma proposta de 20 mil familias de operarios, que pedem ir colonisar Argel, por meio da associação. O contracto é por 3 annos. O estado antecipará 50 milhões de francos, que lhe serão pagos pelos trabalhos da associação.

— Escrevem da Alexandria no Egypto.

Os trabalhos das comportas no Nilo foram interrompidas, em consequencia do crescimento do rio.

A colheita de cereaes e algodão foi extraordinaria. Por ora ainda se não podem fixar os preços, em consequencia da pouca actividade do nosso mercado. Espera-se que melhore dentro n'este mez.

— Em Mulhouse, um dos pontos mais importantes da França para a industria manufactureira, tem subido o preço dos tecidos de lã, e descido o preço dos algodões.

Varios tecidos de algodão sobiram de preço, em Paris, e Rouen, e quasi todos os mais productos fabris appresentavam a mesma tendencia.

As vendas no Havre tem melhorado muito: sem embargo de que os depositos, em relação ao ultimo anno, se acham mais fornecidos, e sem se lhes poder encontrar extracção.

Em Amiens o fabrico de estofos está quasi parado. Em Santerre os teares vão trabalhando, e tractam de expedir para Paris os seus produ tos.

As fabricas de Utrecht sustentam muitos operarios, sendo os seus productos destinados para os Estados-Unidos.

— Na Praça de Londres, em 6 de setembro, foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco	7	p. %	196	197½	Por 100.
Consolidados	3	»	85⅞	86	»
Redusidos	3	»	86⅛	¼	»
Fundos	3¼	»	86¾	87	»
Exchequer bills			28 31 março		Premio.
			22 25 junho.		

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½	p. %	67	70	Por 100.
Brasileiros	5	»	93	95	»
Dinamarquezes	3	»	69	72	»
Hispanhoes	5	»	12	½	»
D.os	3	»	23	½	»
Hollandezes	4	»	70½	71½	»
D.os	2½	»	44½	45	»
Mexicanos	5	»	16½	17	»
Portuguezes	4	»	21½	22½	»
D.os consolid., 1841		—	20½	21½	»
D.os divida interna.		—	Sem preço.		—
Russos	5	»	97	100	»

— Na mesma Praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		51⅝	¾	Por 1$000 rs.
Porto		51¾		»
Rio de Janeiro		22½	23	»
Bahia		—	—	—
Amsterdam	12	1		£
Hamburgo	13	9½	10	»
Paris	25	30	40	»
Genova	25	90	95	»

Trieste	11 5 11 10	£
Vienna	11 —	»
Madrid	$46\frac{3}{8}$	Pezo.
Cadiz	49	»
Calcutta	21	R.ª
Bombaim	$21\frac{1}{2}$	»
Madras	21	»

— Generos em Londres em 26 de agosto.

Algodão de Pernambuco . . .	Firme.
» do Maranhão, regular .	
» » da maquina.	
» da Bahia , ...	
Assucar branco, direitos pagos .	Dito.
» mascavado, dito dito .	
Arroz do Brasil	Froixo.
» da India	
» de Java	
Café do Brasil	Pouco mais firme.
» » lavado	
Cacáo »	
Couros, seccos do Rio Grande .	Froixo.
» salgados »	

— Cambios sobre Londres, effectuados na Praça de Lisboa, em 9 de setembro.

a 30 d.	a	$52\frac{3}{8}$	e	$52\frac{1}{2}$
60	a	$52\frac{1}{2}$	e	$52\frac{5}{8}$
90	a	$52\frac{3}{4}$		

— Cereaes em Lisboa em 13 de setembro de 1848.

Trigo do reino rijo	de	360	a	420	réis	abordo.
» » molle	de	400	a	480	»	»
« da Ilha	de	340	a	410	»	»
Milho do reino e norte	de	260	a	280	»	»
» da Ilha	de	210	a	220	»	»
Centeio do reino	de	210	a	230	»	»
Cevada »	de	180	a	200	»	»

Pelo vapor Jupiter saído em 10 do corrente foram 400 alqueires de trigo molle para Southampton.

Compras de milhos do norte, obra de 80 moios se fizeram ao menor e maior preço cotado por exportação. O deposito por emquanto n'este genero é insignificante.

— Na Praça de Madrid em 6 de setembro.

Fundos publicos de 3 por cento 19 e um quarto de 5 por cento 10 e meio. Divida sem juros 3 e tres quartos. Acções do Banco de S. Fernando de 2000 reales, 1000

O periodico hispanhol, *a Lei* de 8 do corrente, publica, pela primeira vez, a cotação dos papeis de credito portuguezes.

— *Cereaes no Porto, 6 de Setembro.*

Trigo 600 a 700, milho 370 a 380, cavada 240 a 260.

— *Cereaes em Monte-Mór-o-Velho, em 8 do corrente.*

Trigo velho 330 réis o alqueire — Dito novo 350 — Milho branco velho 260 — Dito novo 240 — Cevada 165 — Centeio 260 — Azeite 160.

— *Exportação do vinho e geropiga desde o 1.º de Janeiro até 31 de Agosto.*

Despacharam-se para exportação na Alfandega do Porto, 25.171 pipas, 4 almudes e 5 quartilhos de vinho, e 1.254 pipas e 15 almudes de geropiga.

— *Escrevem-nos do Porto em 8 do corrente.*

A praça tem estado desanimada. O Commercio dos vinhos continua decadente. — A importação de generos vindos do Brazil tem sido avultada. Continua o empate de algodão e a baixa do assucar. O consumo do arroz nacional tem prejudicado o do que vem de fóra. O preço do canhamo subio, apparecem muitos compradores. A exportação do gado vae tomando corpo: esta especulação bem dirigida será agouro de outras vantajosas. O vapor *Tiger* que ultimamente entrou a barra vem para carregar bois que são o gado preferido pelos inglezes.

— O Conselho de Saude Publica do Reino, em execução da Portaria do Ministerio dos Negocios do Reino, datada de 28 do mez proximo passado, publicada no Diario do Governo n.º 204 de 29 do dito, manda publicar a tabella dos *portos infeccionados* pela cholera-morbus epidemica.

S. Petersburgo	no norte da Europa
Riga	
Constantinopla	No sul da Europa e paizes banhados pelo Mediterraneo.
Odessa	
Portos das bocas do Danubio	
Gallipoli	
Todos os Dardanellos	
Todos os do Mar de Marmara	
Alexandria, no Egypto	

Portos suspeitos.

Todos os do Baltico,	No norte da Europa, excepto os infeccionados.
Os do golpho da Finlandia	
Os do golpho da Botinia	
Elseneur no Sunda	
Todos os do Mar Negro	Em o sul da Europa e paizes asiaticos, excepto os infeccionados.
Todos os do Mar Azof	
Todos os da Turquia Europêa	
Todos os da Turquia Asiatica	
Todos os da Grecia e do Archipelago	
Todos os da Syria	
Todos os do Egypto	

Tabella das materias susceptiveis, *e das insusceptiveis, provisoriamente em vigor.*

Regras geraes.

Os corpos lizos e mui compactos, e todos os vegetaes	Em regra geral são insusceptiveis.
Os corpos pelludos	São em regra geral *susceptiveis.*
Os corpos porosos	

Os corpos insusceptiveis, se passam a aquecer, são *susceptiveis.*

Artigo 1.º

Dos corpos mui susceptiveis, *e precisados de escrupulosa purificação.*

1.º Lãs em rama, e todo a sorte de lanificios.
2.º Algodão em rama, e toda a sorte de cotonia.

3.° Seda em rama, manufacturas de seda, ou teeidos em que entra seda.

4.° Plumagem, como sejam pennas de escrever, recheios de colchões, e coxins de pennas, plumas, pennachos, espanadores, etc.

5.° Pelletaria, como sejam pelles sedeúdas em particular, pelletinas, regalos, fórros, guarnições, etc.

6.° Linho em rama, como sejam toda a sorte de lençaria, fiado, têas, roupas de linho, etc.

7.° Canhamo em rama, lonas e velames, maçame e cordoalha; não sendo aliás materias alcatroadas.

8.° Toda a sorte de crines, sedas de porco e de cavallo, de camello e de castor, ou em bruto ou manufacturadas.

9.° Toda a courama sedeúda, e não salgada, em bruto, ou manufacturada, como sejam odres, saccos de couro com trigo, assucar ou tabaco.

10.° Rosarios enfiados, por causa do cordão, e assim os adornos de perolas, e outros quaesquer, cujo cordão seja de materia susceptivel.

11.° Papel, papelão, cartão, livros, pela materia de que é formada aquella manufactura.

12.° Pergaminho, este é ainda mais susceptivel do que o papel.

13.° Tabaco do Levante, por isso que elle é sempre conspurcado de materias susceptiveis. O tabaco da America em taras de couro, pelas taras sómente é suspeitado.

Artigo 2.°

Dos corpos levemente susceptiveis, *e precisados de ligeira purificação.*

1.° Drogas de tinturaria, e do toucador; e só pelas impurezas de que vem conspurcadas.

2.° Metaes lavrados, como são medalhas, brazões ds armas, estatuas, utensilios, e assim toda a gravura, e esculptura; porque pódem recatar sordicie.

3.° Madeiras; mas só quando são velhas, porosas, e carcomidas, porque dão aso á penetração de pequenos *(fragmentos)* de materia susceptivel.

4.° Esparto, o qual, posto que vegetal, é suspeito para alguns Lazaretos, e para nós demanda lavagem, e ventilação de algumas horas.

5.° { Colmo..... / Junco..... / Caniço..... / Palha fôfa e porosa.... } Em todo o tempo tem sido suspeito, apesar de ser vegetal, e demanda a purificação do n.° 4.

Artigo 3.°

Dos corpos absolutamente insusceptiveis, e de livre pratica, se as suas taras os não condemnam.

1.° Todos os fructos.

2.° Todos os lacticinios, como sejam queijo, e manteiga.

3.° Todos os liquidos, vinho, agoas-ardentes, licôres, azeite, e outros oleos.

4.° Todos os grãos cereaes, v. g., trigo, cevada, centeio, avêa, milho, etc.

5.° Todos os legumes, como sejam feijão, grão, ervilha, fava, chicharo.

6.° Todas as massas de cosinha, v. g., macarrão, letria, talharim, semula, estrelliuha, cuscuz, cevadinha, etc.

N B. Convem sempre abrir as caixas para se examinar se são limpas as massas, ou conspurcadas. Neste caso irão ao Lazareto, se vem de portos gravemente suspeitos, para se despejarem, e alli se expurgarem.

7.° Todos os adubos, e condimentos, v. g., cravo, canella, pimenta, gengibre, açafrão, etc.

8.° Todas as carnes, e peixes seccos, salgados, defumados, ou ensaccados.

Lazaretos acreditados pelo mesmo conselho.

1.° O Lazareto de Brest.
2.° » de Vigo.
3.° » de Genova.
4.° » de Marselha.
5.° » de Porto Mahon.
6.° » de Malta.

— Praça de Paris em 5 de Setembro.

Fundos de 3 por cento 44, de 5 por cento 72 a 73, 5 por cento do novo emprestimo 72 e tres quartos: acções do Banco de França 1650 a 1660 francos: letras do thesouro 22 por cento de desconto: fundos belgas 78 por cento.

— Praça de Lisboa em 13 de setembro.

Os fundos publicos de 5 por cento tem sido muito procurados principalmente as inscripção com assentamento. Ha compradores para 48 por cento. Acções do Banco com o dividendo por pagar 443$000 a 445$000. Acções do fundo de amortização subiram de 38 por cento a 48, são procuradas. Acções do Banco do Porto 226$000: da União Commercial houveram vendas por 57$000. — Desconto de notas 1$850 por moeda. — Apareceram compradores no mercado.

EXPEDIENTE.

— Tivemos a honra de receber a carta do Sr. João de Lemos, em resposta a que lhe dirigimos, ácerca da publicação do — Camões. — São tão lisongeiras as expressões contidas nesta carta, que somos obrigados a privar o publico de a lêr, bastando-nos para socego da nossa consciencia, que o Sr. João de Lemos em nome da redacção da *Nação* nos declara, que a reimpressão dessa poesia lhe será de grande prazer. O Sr. Palmeirim presará tanto como nós esta declaração.

— Agradecemos o artigo que o Sr. Abbade Castro nos remetteu ácerca do pintor *Manoel Campello.*

— Tivemos o gosto de receber uma poesia do Sr. A. de Serpa Pimentel.

Publicações recebidas. — Obras de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, tomo I, *Roberto Valença*, Romance.

Jornal dos Facultativos Militares, n.° 56.

Biographia do Exm.° Sr. Agostinho José Pinto d'Almeida, pelo Dr. José Maria de Abreu.

Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias de Lisboa, publicou-se o folheto pertencente ao mez de Setembro. Vende-se e assigna-se na botica de J. Tedeschi. Rua de S. Roque n.° 58.

Revista Popular, n.° 28.

Iris, n.° 15 do 1.° volume, e 1.° do 2.°